



DANIELE DE JESUS MOREIRA COSTA

CADERNO DIDÁTICO

**A PERSPECTIVA DISCURSIVA NO
ENSINO DO ATO DE LER PARA
PROFESSORES DO 4º E 5º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL:**
recomendações didático-metodológicas





DANIELE DE JESUS MOREIRA COSTA

CADERNO
DIDÁTICO

**A PERSPECTIVA DISCURSIVA NO
ENSINO DO ATO DE LER PARA
PROFESSORES DO 4º E 5º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL:**
recomendações didático-metodológicas

São Luís
2021



Universidade Federal do Maranhão
Reitor Natalino Salgado Filho

**Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa,
Pós-Graduação e Internacionalização**
Fernando Carvalho Silva

**Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão
de Ensino da Educação Básica**
Profa. Dra. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes

Autora do produto educacional Mestranda:
Daniele de Jesus Moreira Costa

Orientadora do produto educacional
Profa. Dra. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes

Diagramação do produto educacional
Me. Mariceia Ribeiro Lima

Imagem da capa
<https://stock.adobe.com/>



São Luís
2021



Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados.

(FREIRE, 2003, p. 5-6)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
PALAVRAS INICIAIS.....	8
PARTE 01 – TEORIZANDO PARA COMPREENDER.....	9
O QUE ESTÁ POR TRÁS DO ENSINO DO ATO DE LER NA SALA DE AULA?.....	10
A concepção de linguagem como interação.....	11
A concepção discursiva de leitura.....	13
PARTE 02 – A MATERIALIDADE DO ENSINO DO ATO DE LER NA SALA DE AULA.....	16
O ATO DE LER NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: recomendações didático-metodológicas para professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental.....	17
O que considerar para materializar o ensino do ato de ler na sala de aula? caminho metodológico.....	17
Possibilidades de espaços para a interação com a leitura dentro e fora da sala de aula.....	19
<i>Espaços físicos de acesso à leitura.....</i>	<i>23</i>
<i>Espaços virtuais de acesso à leitura.....</i>	<i>27</i>
<i>Os portadores de textos disponíveis.....</i>	<i>28</i>
Possibilidades didático-metodológicas para os acessos à leitura na sala de aula.....	30
<i>Os Cantinhos de Leitura.....</i>	<i>30</i>
Os Projetos de Trabalho – a perspectiva interdisciplinar no processo de ensino do ato de ler.....	33
PALAVRAS FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

APRESENTAÇÃO

Professores/as,

Com grande satisfação apresentamos este Caderno Didático destinado aos professores, principalmente aos pedagogos que, assim como eu, têm interesse em novos conhecimentos e possibilidades para pensar a formação de alunos leitores autônomos e críticos.

O presente caderno intitulado A perspectiva discursiva no ensino do ato de ler para professores do 4º e o 5º ano do ensino fundamental: recomendações didático-metodológicas é produto da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

O caderno está dividido em duas partes. Na primeira parte apresentamos discussões teóricas sobre a concepção de linguagem e a concepção discursiva no ensino da leitura, e na segunda parte trazemos recomendações didático-metodológicas para o ensino do ato de ler na perspectiva discursiva para os professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Partindo de um estudo bibliográfico e de um diagnóstico realizado em uma escola da rede municipal

de São Luís, consideramos necessário discutirmos a leitura enquanto um ato cultural, como possibilidade para o processo de ensino da leitura no ambiente escolar.

Dessa maneira, fazemos a defesa pelo ensino do ato de ler na perspectiva discursiva pautado em práticas de leitura que contribuam para formar alunos leitores críticos e agentes de mudanças.

Assim, desejamos que este material provoque mudanças positivas no espaço escolar, bagunce ideias e concepções sobre o que é ler e gere a necessidade de mergulhar cada vez em um mundo de descobertas e conhecimentos. Tenham uma ótima leitura!

Danièle de Jesus Moreira Costa
Mestranda - PPGEEB-UFMA



PALAVRAS INICIAIS

A

função social da escola é promover um ensino que garanta o desenvolvimento integral dos sujeitos atendidos, em suas dimensões social, cognitiva, afetiva e cultural, para que sejam aptos a participarem ativamente na sociedade, exercendo, assim, seu papel de cidadão.

Nesse contexto, a aprendizagem da leitura é um importante instrumento para o exercício da cidadania e acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, mas sabemos que muitos não dominam e nem conseguem fazer o uso social desse instrumento, sendo, portanto, excluídos socialmente.

O atual cenário educacional tem mostrado a necessidade de uma discussão mais crítica em relação às políticas de fomento à leitura que orientam os currículos e, conseqüentemente, as práticas docentes no ambiente escolar. Nesse sentido, nos questionamos: Quais concepções sobre leitura nós temos? Quais concepções sobre leitura norteiam nossas práticas? Qual tipo de sujeito estamos ajudando a formar?

Portanto, este caderno visa contribuir para que mais professores tenham a oportunidade de refletir sobre o processo de ensino da leitura enquanto prática cultural que possibilita formar alunos leitores, críticos e agentes transformadores do seu contexto social.

PARTE 01

TEORIZANDO PARA COMPREENDER



O QUE ESTÁ POR TRÁS DO ENSINO DO ATO DE LER NA SALA DE AULA?

Ao adentrar nos espaços escolares, é possível perceber que os alunos apresentam diversas dificuldades em relação à leitura e à escrita. Considera-se que aspectos históricos, econômicos e políticos, a carência de acesso aos instrumentos de leitura, assim como as metodologias com ênfase na aprendizagem mecânica e descontextualizada da realidade do aluno contribuem para o agravamento e a permanência dessa problemática, dificultando o desenvolvimento do ato de ler por crianças e adultos (ARENA, 2021).

Não faz mais sentido o ensino enrijecido por práticas costumeiras de leitura, como o uso de cartilhas, foco no livro didático ou em textos descontextualizados da real vivência e/ou necessidade dos nossos alunos. Não podemos desconsiderar a cultura e a

história, devemos possibilitar a relação dos conteúdos com as experiências dos alunos e com os contextos gerados em sala de aula e que pedem a entrada dos gêneros discursivos, dos textos para serem lidos e produzidos.

Por isso, defendemos a leitura enquanto ato cultural, uma prática por meio da qual os alunos podem refletir e buscar significação nos textos lidos, para que possam utilizar esses conhecimentos e informações em sua realidade, atuando enquanto agentes de transformação social e pessoal.

Nesse contexto, a escola, em especial os professores, precisa discutir e compreender quais concepções de linguagem e de leitura orientam as políticas educacionais, os currículos escolares e suas práticas em sala de aula, bem como quais as implicações dessas concepções

para o processo de formação leitora dos alunos. Que tipo de alunos se quer formar? Um sujeito ativo ou passivo? Um sujeito leitor ou decodificador?

Assim, compreendemos que a concepção de linguagem enquanto interação e o ato de ler na perspectiva discursiva de linguagem se constituem em elementos importantes para permear as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e, conseqüentemente, para formar alunos leitores.



A concepção de linguagem como interação

Os seres humanos utilizam diferentes linguagens em situações diversas do seu cotidiano. A linguagem é uma criação humana utilizada para comunicação em diferentes situações e com diversos objetivos, pois é por meio da linguagem que o sujeito age sobre o outro, estabelecendo, assim, as relações sociais. Nós nos constituímos na e pela linguagem, pois ela é dinâmica e está em constante transformação.

Nossos pensamentos, falas, ações, atitudes, ideias são mediadas pela linguagem e por ela construímos nossas ações, somos compreendidos e nos fazemos

compreender.

Corroborando com as ideias de Faraco e Castro (1999, p. 2), compreendemos que “[...] o aprendizado com a linguagem se dá por meio do uso que fazemos dela na interação (oral ou escrita) que estabelecemos com o outro, seja ele real ou virtual”, isto é, aprendemos a linguagem a partir do seu uso social, interagindo com os outros.

A linguagem pode ser entendida na sua forma verbal, que compreende a fala e a escrita e não verbal, incluindo signos visuais ou sonoros como símbolos, gestos, sons, imagens, cores e as artes.

De acordo com Fiorin (2013, p.17):

A linguagem é atividade simbólica, reunião de palavras que criam conceitos, realidades, ordenam mundo, categorizam o mundo [...]



A linguagem é um fenômeno social, histórico, cultural que surge a partir da necessidade humana, por isso defendemos a linguagem enquanto interação humana, pois ela medeia as relações humanas.



A linguagem é uma forma de interação. Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito

que fala pratica ações que não conseguiria levar acabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte constituindo compromissos e vínculos que não preexistem à fala.(GERALDI, 2000, p.41)

Nessa concepção, a linguagem é compreendida enquanto um processo de trocas, de interação, considerando os sujeitos em seus aspectos social e cultural e em suas experiências e vivências.

E qual a relação da linguagem com o ensino? Como a escola tem desenvolvido a linguagem com os alunos?

Ao adentrarem no ambiente escolar, os alunos já trazem consigo sua linguagem aprendida no seio familiar. O papel da escola é fomentar meios para que o aluno saiba utilizar adequadamente as diferentes linguagens em diferentes situações e ambientes.

Para Smith (2003, p. 218),

“[...] aprendemos todas as convenções da linguagem através da utilização da linguagem, falando-a, lendo-a e extraído dela um sentido [...]”, ou seja, a aprendizagem da linguagem ocorre em situações reais de uso no cotidiano, nas práticas de uso da linguagem escrita – lendo e produzido discursos, portanto, isto é o que deve ser materializado nas salas de aula, garantindo, assim, sua apropriação por parte dos alunos.

Dessa forma, se faz necessário que os professores se apropriem dos conhecimentos teórico-metodológicos para conduzir suas práticas pautadas na concepção da linguagem como interação, visando a formação de alunos críticos e dialógicos.

A concepção discursiva de leitura

Contrapondo-se às costumeiras práticas de leitura tradicionais, mecânicas, engessadas, que levam à decodificação e memorização, defendemos o ato de ler na perspectiva discursiva, na relação dialógica, interacionista entre os sujeitos. O ato de ler pautado nessa

concepção é fundamentado nos estudos dos teóricos russos Mikhail Bakhtin e Volóchinov (2006).

As ideias centrais dos estudos de Bakhtin e Volóchinov (2006) abrangem conceitos como dialogismo e discurso nas relações sociais. No entendimento desses autores:



O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade, das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 127)

A ideia de dialogismo defendida por Bakhtin e Volóchinov (2006) não consiste em um simples ato de perguntas e respostas entre pessoas em determinado espaço físico, mas se constitui em uma relação comunicativa de interação entre os sujeitos que dialogam, podendo concordar ou não com determinado discurso, seja ele oral ou escrito.

Desse modo, falamos por meio dos discursos das outras pessoas, somos impregnados por esses discursos, e a partir deles construímos os nossos. O discurso estabelece relações entre os seres humanos. Nós nos constituímos pelo diálogo, que é a base das relações humanas.

Dentro dessas concepções, o ensino do ato de ler é concebido enquanto uma prática discursiva, que vai além de decodificar, pois há a busca pelo sentido e o significado do texto através do diálogo, aqui entendido enquanto uma interação.

Como afirma Bajard (2021, p. 141):

[...] para que ocorra o ato de ler, é imprescindível que a compreensão intervenha pelo tratamento gráfico. A leitura é compreensão, mas qualquer compreensão não é leitura. Para esse ato, é necessário que o (a) leitor (a) atribua significado à matéria gráfica, não à sua tradução sonora.

Portanto, ensinar o ato de ler dentro da perspectiva discursiva é atribuir sentido e significado ao texto gráfico e não aos aspectos sonoros; é permitir experiências exitosas de leitura, contribuindo para a formação de alunos leitores. Dessa forma, a leitura deve entrar na sala a partir de necessidades reais dos/as alunos/as; essas necessidades podem partir diretamente deles/as, do que lhes é de interesse naquele momento, ou podem ser forçadas pelo professor dentro de um projeto em execução em sala de aula. Essas práticas de leitura que devem ser vivenciadas nas salas de aula precisam vir ao encontro de dar respostas para as mais diversas indagações oriundas dos questionamentos feitos pelas crianças nas diversas situações comunicacionais vividas no coletivo da sala ou na individualidade.





Nesse contexto, como as crianças aprendem?

As crianças não aprendem espontaneamente, nem por si mesmas. Aprendem reflexivamente, porque alguém as põe em situação de pensar (CURTO; MORILLO; TEIXIDÓ, 2000, p. 93).

Nessa linha de pensamento está a discursividade do ato de ler e, conseqüentemente, dos atos de escrever e de produzir textos. No entanto, o destaque, nesta pesquisa, está para o ato de ler. Portanto, a fala, a interação direta das crianças com o texto para a busca de indícios no texto orientada pela situação comunicacional que os levou a ler o material, constitui a ferramenta de produção de saberes garantida

a partir das relações de produção que se estabelecem entre professor e aluno, aluno e aluno e aluno e outros sujeitos na busca pela compreensão do texto, materializando o ato de ler.

Corroborando com o mesmo pensamento, Jolibert e Jacob (2006, p. 179) destacam que as crianças aprendem “[...] sempre que lhes são proporcionadas todas as condições adequadas e não lhes impedem de crescer”. Portanto, pensar no ensino do ato de ler é conceber as crianças, enquanto sujeitos ativos, criativos e sociáveis, o direito de compreender e agir no mundo por meio da leitura.

PARTE 02

A MATERIALIDADE DO ENSINO DO ATO DE LER NA SALA DE AULA



O ATO DE LER NA PERSPECTIVA DISCURSIVA:

recomendações didático-metodológicas para professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental

Atendendo ao nosso último objetivo de pesquisa, qual seja o de propor, a partir dos elementos obtidos no diagnóstico, um caderno com recomendações didático-metodológicas no qual as práticas de leitura dialoguem com a perspectiva discursiva de linguagem para alunos de 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Em consonância com a enunciação teórica defendida na primeira parte deste caderno de recomendações, traremos esta parte subdivida em três âmbitos: caminho metodológico geral para a materialidade da ação pedagógica na perspectiva discursiva de linguagem, alguns espaços propícios para a interação com a leitura dentro e fora da sala de aula, além de possibilidades metodológicas para os acessos à leitura.

É importante ressaltar que as propositivas aqui delineadas foram geradas a partir do levantamento realizado na escola locus da investigação, o que nos fez produzir um diagnóstico que nos orientou na elaboração das recomendações para o ensino do ato de ler nos anos iniciais do ensino fundamental, com foco no 4º e 5º ano.

O que considerar para materializar o ensino do ato de ler na sala de aula? caminho metodológico

Antes de avançar é necessário reafirmar o que é ler.

É atribuir diretamente um sentido a algo escrito [...] Sem passar pelo intermédio nem da decifração e nem da oralização (JOLIBERT, 1994, p. 15).



Se assim compreendermos, precisamos traçar um caminho metodológico novo, de modo a garantir às crianças interações diferentes, encontros dialógicos com a leitura. Para tanto, é essencial atender às necessidades de ler nascidas da vida coletiva, que se processam na escola e na vida cotidiana, atentando e atendendo aos mais variados motivos que temos para ler alguma coisa (JOLIBERT E JACOB, 2006).

Cabe destacar que as crianças não precisam necessariamente dominar todos os aspectos linguísticos (codificar/decodificar) para terem os textos às mãos, mas é necessário que tenham os textos à mão para poder aprender a ler.

Sendo assim, dados os limites desse texto, apresentamos a síntese de um caminho metodológico para o ensino do ato de ler, seja no 4º e 5º ano do ensino fundamental, seja nos outros anos do fundamental. Para que o professor concretize em sala de aula atividades que permitam tal ensino, convém atentar para as três etapas nesse caminho, a saber: o contexto, a construção da compreensão do texto e a compreensão do funcionamento linguístico.

A etapa do contexto no processo de ensino do ato de ler diz respeito à situação comunicativa real que desencadeou o encontro com o texto. Tem a ver com o porquê, o para que e o como o texto chegou às mãos das crianças e da professora. As crianças precisam saber, vivenciar em plenitude esse contexto para que o momento da leitura se torne um ato, o ato de ler, protagonizado por ela com assessoria do professor/a, mesmo que ainda não decodifique (CURTO; MORILLO; TEIXIDÓ, 2000). Dessa forma, sabendo o contexto em que se pede a leitura do texto, a criança com o texto em mãos deverá partir para o ato de lê-lo por meio

de leitura silenciosa para a busca de indícios/pistas que não sejam apenas palavras para compreendê-lo. Caso ainda não decodifique, a criança vai construindo hipóteses. No entanto, as crianças do 4º e 5º anos que já decodificarem passarão, se lhes for oportunizado, à análise mais detalhada das minúcias do texto, sua organização macro e micro, identificará as características do gênero discursivo e com certeza buscará o que precisa diante da situação comunicacional real que gerou a necessidade da leitura. Será a etapa de construção da compreensão do texto.

Por fim, cabe, a partir da leitura e também do ato de produzir textos, a construção do conhecimento linguístico. Assim, é no contexto da ação de ler que o leitor lança mão dos conhecimentos linguísticos, gramaticais de que dispõe para proceder à construção do sentido ao escrito, além de, na ação reflexiva necessária, se apropriar de outros textos.

Possibilidades de espaços para a interação com a leitura dentro e fora da sala de aula

Promover espaços de leitura na escola é uma das recomendações contidas nos documentos educacionais oficiais. É importante que os espaços de leitura na escola tenham um real sentido, e não sirvam apenas como depósito de livros encaixotados, como se tem observado em algumas realidades escolares.

É de responsabilidade dos governos a construção de espaços de leitura nas escolas, como bibliotecas com acervo bibliográfico diversificado, e cabe à instituição escolar conservar e criar condições para que esse espaço cumpra sua função social de ofertar aos alunos acesso com qualidade à biblioteca com vista à formação de leitores autônomos.

Em relação ao uso dos espaços de leitura na escola, a Base Nacional Comum Curricular traz, enquanto habilidade a ser desenvolvida pelos alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, que se deve “selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula para leitura individual, na escola ou em casa [...]” (BRASIL, 2017, p. 93).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais já afirmavam que:



Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura (BRASIL, 1998, p. 71).

Por isso, é importante que os professores criem condições favoráveis para o desenvolvimento de atividades de leitura em espaços adequados, acolhedores, prazerosos e agradáveis para uma aprendizagem favorável à formação leitora dos alunos. Convém ressaltar que a biblioteca deve ser vista pelos alunos como um local de descobertas, de encontrar respostas a seus questionamentos, e isso só ocorrerá se lhes for ensinado por meio do uso social desse espaço, mediante atividades que mobilizem os alunos para tais ações.

Na falta de uma biblioteca, os professores podem criar espaços na sala de aula para cumprir tal função social, como os “cantinhos de leitura”, utilizando da criatividade juntamente com seus alunos. Pela idade que possuem (9 e 10 anos), os alunos do 4º e 5º ano o ensino fundamental, aqui em evidência, podem e devem montar um espaço na sala de aula com diferentes tipos de textos para serem utilizados no cotidiano das aulas, atendendo às várias áreas do conhecimento que fazem parte do currículo escolar, assim como com outros materiais sobre outros assuntos para além do currículo escolar.

Compreendemos que a organização do espaço escolar traz possibilidades importantes de aprendizagens do ato de ler de forma mais adequada, lúdica, estimulante e criativa. Como afirmam Jolibert e Jacob (2006), há necessidade de criar condições que possam estimular as aprendizagens dos alunos. As autoras apontam formas de reorganização do espaço da sala de aula que podem servir para o ensino do ato de ler.

Podemos organizar a sala de aula a partir das ideias de Jolibert e Jacob (2006) que apresentam a Sala textualizada. O espaço da sala de aula dispõe de diferentes textos dispostos em locais diversos da sala para que os alunos tenham acesso a múltiplos textos.

[...] uma sala textualizada porque o propósito é, justamente, que as crianças tenham à mão ou à vista todos os textos advindos do cotidiano escolar. Não são rótulos, nem etiquetas, mas textos que se espalham pela sala, nas paredes ou recantos, nas pastas sociais ou nos arquivos coletivos ou na biblioteca da sala de aula. (JOLIBERT; JACOB, 2006, p. 29)

Com base no conceito de sala textualizada de Jolibert e Jacob (2006), elaboramos uma síntese com possibilidades de organização do espaço da sala de aula para a promoção de alunos leitores.

SALA TEXTUALIZADA

Texto	Tipo de Texto	Atividade leitora	Objetivos
Textos funcionais da vida cooperativa em curso	Quadro de chamada dos alunos; Quadro de responsabilidades / acordos / regras; Informativos sobre projetos; Calendários;	Leitura do quadro para marcação da presença; Consulta de regras; Consulta de informações; Consulta sobre datas, tempo, clima.	Averiguar presenças e ausências; Relembrar contratos diários; Ler informes; Situar-se no tempo e no espaço/ observar o tempo meteorológico.
Jornal mural	Painel com Jornais, revistas, folhetos, receitas, piadas, histórias em quadrinhos.	Leitura e consulta de diversos tipos de informações.	Selecionar, buscar e compartilhar informações. Ler para divertir-se.
Textos associados a aprendizagens	Quadros de sistematização das aprendizagens (estrutura linguístico-ortografia, gênero textual...).	Leitura para revisão e/ou sistematização de conteúdos de diversas áreas.	Consultar, revisar, sistematizar conteúdos.
Textos para se comunicar com a comunidade	Cartas, cartazes, fotografias, convites, autorizações, folhetos.	Leitura para se comunicar com a comunidade (pais, direção da escola, professores e colegas da escola, autoridades, escritores).	Comunicar-se com o exterior. Escrever para informar, solicitar, agradecer, convidar, divulgar, promover.
Textos produzidos pelas crianças	Contos, projetos, relatórios, poemas, recontos, biografias...	Roda de leitura; Exposição dos trabalhos. Evento literário.	Socializar os textos produzidos pelos alunos.

Diante do exposto, compreendemos ser possível utilizar e adequar as atividades para o ensino o ato de ler na sala de aula, a partir de uma reflexão sobre a prática docente aliada a um planejamento dessas atividades com respaldos teóricos discursivos.

A seguir, traremos algumas considerações sobre espaços de acesso à lei-

tura, entendidos como espaços físicos e virtuais, objetivando compartilhar elementos didático-metodológicos que ajudem os professores nas proposições metodológicas de construção de suas aulas.

Espaços físicos de acesso à leitura

ESPAÇOS FÍSICOS



Foto de Polina Zimmerman no Pexels

Os espaços físicos são denominados assim por serem locais em que podemos encontrar disponível um acervo bibliográfico impresso acessível a todos, como bibliotecas públicas, feiras de livros, clubes de leitura, faróis da educação, eventos literários e outros.

Em relação às bibliotecas, Ferreira (2014) expõe que:

A biblioteca se constitui um lugar de pesquisa, de leitura, de memória e informação capaz de apoiar a escola a partir de um conjunto de materiais bibliográficos e não bibliográficos para que ela efetive sua função social (FERREIRA, 2014, p. 3).

As bibliotecas escolares são espaços importantes que podem ser utilizados para a promoção de atividades e eventos direcionados à formação leitora dos alunos. Segundo Ferreira (2012, p. 5), esses espaços,

Tem como função social satisfazer as necessidades da instituição, desenvolvendo projetos pedagógicos e culturais de forma estratégica que facilite o aprendizado, podendo dar suporte aos programas educacionais, integrando-se à escola de maneira dinâmica, transformando-se em um espaço de interação permanente exercendo funções informativa, educativa, cultural e recreativa.



Listaremos a seguir alguns espaços físicos como bibliotecas públicas do município que podem ser utilizadas pelos alunos. Os professores podem organizar visitas para levar os alunos a realizarem pesquisas ou participar de eventos literários.

Citaremos algumas Bibliotecas e eventos literários dentre os muitos disponíveis em São Luís.

Bibliotecas

- Benedito Leite
- Biblioteca do Sesc Deodoro
- Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão – UFMA
- Biblioteca da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
- Faróis da Educação



Biblioteca Benedito Leite

Fonte: <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=249388>

Bibliotecas Comunitárias

As bibliotecas comunitárias são espaços mais “próximos” da comunidade mais carente. Esses locais são importantes espaços de promoção da leitura, como a realização de empréstimos de livros, rodas de leitura, eventos literários e outros.

A seguir listamos algumas dessas bibliotecas.

Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC

Espaços de acesso ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas. Conta com 11 Redes Locais e 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Na cidade de São Luís, denominada de Ilha Literária, conta com 17 bibliotecas localizadas em bairros como Coroadinho, Cidade Olímpica, Vila Maranhão, Cidade Operária, João de Deus e outros.

Eventos Literários

Feira do Livro de São Luís (FELIS)

Criada pela Lei Municipal n.º 4.449, em 11 de janeiro de 2005, o evento é realizado pela Prefeitura de São Luís, por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) e Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e demais parcerias públicas e privadas.



Livraria e Espaço Cultural AMEI – Associação Maranhense de Escritores Independentes



Espaço cultural para a venda de livros, que também promove eventos culturais para divulgar a cultura maranhense. Está localizada no São Luís Shopping em São Luís.



Espaços virtuais de acesso à leitura

Espaços virtuais

A revolução na comunicação trouxe contribuições significativas para os seres humanos e a inserção de novas tecnologias modificou as relações sociais. Com a pandemia causada pelo novo coronavírus tivemos uma experiência desafiadora no ambiente escolar, fato que ressaltou sobremaneira os espaços virtuais de leitura, dado o distanciamento social imposto pela pandemia instalada no mundo em 2020. Tivemos que nos adaptar ao novo contexto, com a utilização de recursos e mídias digitais na tentativa de alcançar o maior número possível de alunos. O contexto pandêmico trouxe para nossa realidade, ou melhor dizendo, trouxe para a maioria das pessoas, a experiência com o virtual bem mais acentuada que a usual, e incrementou os acessos à leitura de uma forma ou de outra.

Podemos trazer como exemplo o aplicativo WhatsApp, que se tornou um dos mais populares recursos educacionais nesses tempos pandêmicos. Esse aplicativo tem a vantagem de conseguimos enviar e receber mensagens instantâneas e realizar chamadas de voz e vídeo, a partir de um sinal de wi-fi ou de dados móveis. O uso desse dispositivo móvel durante o confinamento mundial permitiu a interação humana, a interlocução entre as pessoas, garantiu o desenvolvimento das relações pedagógicas nas escolas. Muitos alunos do 4º e 5º ano da escola investigada fizeram uso desse dispositivo, considerando aqueles que possuíam um aparelho celular e dados móveis ou wi-fi.

Bibliotecas virtuais

Temos alguns exemplos de sites, que podem ser utilizados para pesquisas, acesso a livros digitais (e-book) como incentivo ao ato de ler para uso dos alunos.

<https://www.clubedolivroma.com/>

O Clube do Livro MA é um ponto de cultura (coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura). Promove eventos e encontros literários mensalmente, propõe leituras e debates, incentiva o conhecimento sobre o universo dos livros, e divulga informações que competem ao incrível mundo da leitura.

<http://casas.cultura.ma.gov.br/bpbl/>

Site que engloba um conjunto de Bibliotecas Maranhenses, como a Biblioteca Pública Benedito Leite, a segunda biblioteca mais antiga do País. Depositária da memória bibliográfica e documental do Maranhão, a biblioteca possui um acervo formado por mais de 120.000 títulos.

<https://portais.ufma.br/PortalUnidade/dib/index.jsf>

Diretoria Integrada de Bibliotecas – DIB da Universidade Federal do Maranhão

<http://apem.cultura.ma.gov.br/siapem/index.php>

Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM voltado à preservação, conservação e difusão dos documentos históricos do Estado do Maranhão

<https://bibliotecasma.org/>

Site que abriga Bibliotecas do Maranhão de acervos bibliográficos, arquivísticos, museológicos no Estado do Maranhão.

<https://rNBC.org.br/a-rNBC/>

Site da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

Portadores de textos disponíveis

Desde os primórdios da espécie humana temos evidências de que o ser humano utiliza meios para registrar seus escritos, pinturas e desenhos ou símbolos. Esses registros eram feitos em pedras, pergaminhos, tábuas, papéis ou outros materiais que serviram como base para fixar esses registros.

Na atualidade temos disponíveis outros meios para registrar nossos escritos, o que denominamos de portadores ou suporte de textos.

Em nosso cotidiano temos contato com textos disponíveis em diferentes suportes que podem ser físicos ou virtuais, conforme explica o linguista Luiz Antônio Marcuschi.



[...] entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2003, p. 10).

Nesse entendimento, o autor afirma que suporte é um lugar físico ou virtual com formato específico que serve para fixar e mostrar o texto, o que faz o texto circular socialmente.

Destacamos exemplos de suportes textuais que podem ser úteis no contexto da sala de aula para desenvolver atividades do ensino do ato de ler, como:



E-book, sites acadêmicos, bibliotecas virtuais, enciclopédias, jornais, livro, livro didático, jornal, cartaz, outdoor, revista, televisão, rádio, quadro de avisos, encarte, folder, luminosos, faixas, embalagens, para-choque de caminhão, etc...

Há também disponíveis diversos textos virtuais que podem ser acessados e utilizados na realização das atividades de leitura: E-book, artigos, bibliotecas virtuais, notícias, entrevistas, blogs, textos científicos e outros.

Importante ressaltar que o planejamento e a avaliação das atividades de leitura contribuem para o alcance dos objetivos propostos. Importante também esclarecer para a turma os objetivos de cada atividade, o passo a passo, as orientações necessárias para que haja mais interesse e participação desses alunos.

Possibilidades didático-metodológicas para os acessos à leitura

Considerando que a leitura faz parte do cotidiano das pessoas, muitas delas não conseguem fazer uso social dessa habilidade, acarretando alguns transtornos ao seu dia a dia. Por isso, a escola precisa unir esforços e proporcionar condições necessárias para o fomento da leitura com vistas à formação de alunos leitores.

Para que o ato de ler ocorra de forma mais agradável possível, além da disponibilidade dos diferentes tipos de texto, é preciso também atenção quanto aos espaços. O ambiente para a promoção do ato de ler pode ocorrer tanto na biblioteca, no pátio da escola, na sala de aula ou no chão da sala de aula, espaços que podem ser aproveitados, explorados e ressignificados.

Os Cantinhos de Leitura

Na impossibilidade do uso da biblioteca escolar, o professor pode adaptar espaços da sala de aula e organizar o que Jolibert (1994) denominou de “cantinhos de leitura”, espaços vivos, familiares, que podem ser ressignificados e renovados, a partir do interesse e necessidade da turma. Esse espaço precisa ser entendido enquanto local de fomento de atividades de leitura e não como “castigo” ou depósito de livros ou como parte da decoração da sala de aula.

Para isso, é preciso realizar um planejamento juntamente com seus alunos, que poderão sugerir ideias para melhor aproveitarem esses espaços. Incluir os alunos nesse processo de adaptação de ambientes para a promoção do ensino do ato de ler é essencial, principalmente se tratando de alunos de 4º e 5º ano.



A partir das contribuições de Jolibert (1994), traremos algumas possibilidades para a organização dos “cantinhos de leitura” .

Os alunos podem escolher a forma de decoração desse espaço na sala de aula, como colocar carpetes, almofadas, mesas, cadeiras. Podendo ser esse espaço fixo ou móvel (JOLIBERT, 1994).

Quais tipos de gêneros discursivos podem fazer parte do acervo do “Cantinho da leitura” ? Jolibert (1994, p. 94) nos aponta algumas possibilidades.

- * **Contos, álbuns de literatura infantil, romance [...] Poemas e canções [...]**
- * **Livros de receitas [...]**
- * **Catálogos e revistas para recortar.**
- * **Revista de informação. História em quadrinhos. Jornais infantis [...]**
- * **Jornais diários ou semanais [...]**
- * **Álbuns [...]**



No “Cantinho de leitura” é possível que o professor promova o ato de ler com seus alunos, propondo atividades adequadas para cada situação:

AMBIENTE	ORGANIZAÇÃO	ATIVIDADE	MATERIAIS
Biblioteca Física	Organização dos livros por ordem alfabética, por tema, cor, coleção, formato, assunto.	Mediação de leitura; contação de histórias; Cine-biblioteca; Café literário; pesquisa; empréstimo de livros exposições; ambientação e programação etc. Recitais	Livros; cadeiras, mesas, tapetes, puffs, estantes, expositores.
Biblioteca virtual	Definir equipamentos e softwares; Planejar a produção de conteúdo; Promover a utilização da biblioteca; Valorizar a segurança e a organização; Formação de grupos virtuais (Whatsapp, bate-papo) para compartilhamento de informações direcionadas para a leitura.	Eventos com palestrantes e autores, regionais e nacionais.	Acervo digitalizado (sites, blogs, links, redes sociais)
Cantinhos de leitura	Decoração e identificação do espaço leitor com painel, caixas, caixotes, almofadas, tapetes, puffs.	Rodas de leitura; Leitura compartilhada; pelo aluno, professor, diretor, família e comunidade. Leitura individual, Recitais, Recontos, Peças teatrais, Colagem e recortes.	Gibis, revistas, receitas, jornais, manuais, embalagens, livros didáticos, crônicas, adivinhas, piadas, lendas, romances, biografias, regras de jogo, anúncios, convites, bulas, cartas, contratos, boletos, decretos, leis, editais, bilhetes, letras de músicas, horóscopos, lista de compras, encartes, cardápio, textos científicos, formulário, currículo, roteiro de viagem, mapas, questionários,boletim escolar.

Os Projetos de Trabalho: a perspectiva interdisciplinar no processo de ensino do ato de ler

Os projetos nascem a partir das necessidades e também podem surgir no próprio contexto da sala de aula, nas conversas e curiosidades dos alunos sobre um determinado assunto, notícias veiculadas pelas mídias, acontecimentos inusitados ou que tiveram um grande destaque ou repercussão a nível local, regional ou mundial. Esses eventos dão possibilidades para que professores e alunos, com planejamento adequado, possam desenvolver atividades que possibilitem aprendizagens significativas.



A organização das atividades na sala de aula em torno dos projetos é uma possibilidade viável para o fomento do ato de ler, articulando e relacionando temas e conteúdos de diferentes áreas do conhecimento em uma proposta interdisciplinar.

Na concepção de Bittencourt *et al.* (2015, p. 68), “o projeto é um trabalho planejado e organizado que culmina em um produto final” . Para esses autores, enquanto modalidade organizativa, o projeto precisa atender a alguns requisitos:

Prevê um produto

Precisa de planejamento

Descrição das etapas e do cronograma

Divisão de tarefas

Avaliação

Ainda segundo Bittencourt *et al.* (2015), os projetos possibilitam mobilizar atividades linguísticas como a fala, a escuta, a leitura e a escrita.

Para Curto, Morillo, Teixidó (2000, p. 212), o trabalho com projetos:

[...] é uma excelente forma de articular as situações de aprendizagem, correspondendo ao que podemos observar nas escolas. Um projeto é uma forma de trabalhar o conhecimento da realidade em que os alunos se desenvolvem [...].

Além daqueles do interesse e necessidade da turma, os projetos podem relacionar diferentes temáticas e áreas do conhecimento: corpo humano, jogos olímpicos, eleições, doenças causadas por vírus, mistérios do universo, fenômenos naturais e catástrofes ambientais, alimentação e qualidade de vida, animais e plantas exóticos, racismo, bullying, etc.

Portanto, consideramos importante apresentar concepções de leitura e linguagem na perspectiva discursiva e possibilidades didáticas para que os professores do 4º e 5º do ensino fundamental possam refletir sobre práticas de leitura que fomentem a formação de alunos leitores autônomos.

PALAVRAS FINAIS

O tipo de mudança que fará diferença nas escolas não virá com melhores teorias ou com melhores materiais, ou mesmo com professores melhores informados, mas somente com os indivíduos assumindo uma ação em direção à mudança (SMITH, 2003).

Esta não é exatamente uma despedida, mas um “até logo”, porque o conhecimento não se esgota, ele é um processo e como tal, pode se renovar, se ressignificar, se reconstruir e proporcionar mudanças significativas em nosso percurso de vida, em todas as áreas.

Nesse sentido, enquanto professores/as nos deparamos com as mudanças ocorridas no contexto educacional, e muitas vezes quando elas chegam pode causar desconforto, medo ou repulsa pelo, até então, desconhecido. Mas precisamos dessas mudanças para agir e atribuir um novo sentido ao nosso fazer docente, que já não permite velhas e costumeiras

práticas desvinculadas do “novo” contexto.

Por isso, precisamos conceber a leitura enquanto um ato, uma ação que possibilite os alunos a fazerem seu uso social enquanto uma prática cultural, um instrumento de mudança no mundo.

Portanto, esperamos que este caderno didático tenha cumprido seu propósito de trazer contribuições significativas para se pensar na formação de alunos leitores de textos que saibam fazer uso social da leitura em seu contexto.

REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. *Ensino em Re- Vista*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237-247, jan./jun.2010. Disponível em:<<https://goo.gl/WKZRyo>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BAJARD, É. Eles leem, mas não compreendem: Onde está o equívoco? 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

BAKHTIN, M (VOLÓCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BITTENCOURT, Z. A.; CARVALHO, R. S de.; JUHAS, S.; SCHWARTZ, S. *Acompreensão leitora nos anos iniciais: reflexões e propostas de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2020.

BRASIL. *Base Nacional Curricular Comum*. Brasília, 2017. Disponível em:<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

CURTO, L. M.; MORILLO, M.M.; TEIXIDÓ, M. M. *Escrever e ler. materiais e recursos para a sala de aula*. Tra. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

FARACO, C. A.; CASTRO, G. de. Por uma teoria que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). *Educar em Revista*, v. 15, n. 15, p. 109-117, 1999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2061>.

FERREIRA, M. M. *Bibliotecas escolares: precariedade dos edifícios, serviços, instalações e acervos*. Disponível em <https://www.institutomora.edu.mx/>

EBAM/2014/Maria%20Mary%20Ferreira.pdf. Acesso em: 14 nov. 2021.

FERREIRA, M. M. Bibliotecas escolares em instituições públicas de São Luís: realidade e desafios para transformar esses espaços em lugares de memória, informação e de leitura – relatório de pesquisa. São Luís: Departamento de Biblioteconomia, UFMA, 2012. 57p.

FIORIN, J. L. (org.) Linguística? Que e isso? São Paulo: Contexto, 2013. GERALDI, J. W. (org.). O texto na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

JOLIBERT, J.; JACOB, J. Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. Revista DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003.

SMITH, F. Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Trad. Daise Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.



SOBRE A AUTORA

Daniele de Jesus Moreira Costa é Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA; Especialista em Gênero e Diversidade na escola (UFMA); Especialista em Educação Integral (UFMA); Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Atua como Professora no Ensino Fundamental anos iniciais da Rede Municipal. Possui experiência na área de Educação como Coordenadora do Programa Brasil Alfabetizado; Formação de professores e monitoria no Programa Mais Educação. É membro associado da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Integra o Grupo de Pesquisa em Ensino da Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – GruPELPAI.

SOBRE A ORIENTADORA

Possui Doutorado (2011) e Mestrado em Educação (2001) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)- Campus de Marília-SP e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1996). Atualmente é Professora Adjunta II da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB)/Mestrado Profissional/UFMA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino da Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (GruPELPAI) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Processos Formativos Docentes (GEPPFORD) - PPGEEB/UFMA. Tem experiência na área de Educação, com docência, direção e coordenação pedagógica na educação básica, além de docência, coordenação de curso e de programa de formação de professores para a educação básica no ensino superior, atuando nas Licenciaturas e no curso de Pedagogia.





DANIELE DE JESUS MOREIRA COSTA

CADERNO

DIDÁTICO

**A PERSPECTIVA DISCURSIVA NO
ENSINO DO ATO DE LER PARA
PROFESSORES DO 4º E 5º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL:
recomendações didático-metodológicas**

